REVISTA TRIPLOV
DE ARTES, RELIGIÕES E CIÊNCIAS

série viridae . número 03 . dezembro de 2021

BAUDELAIRE[1]

Jacques Rivière

Oh, sejam testemunhas de que fiz meu dever
Como um químico rematado e como uma alma santa
Baudelaire[2]

Ele está junto a nós. Ele não se recolhe à solidão para ressurgir poeta e profeta. Ele não vai pedir à natureza que ela o torne divino. — Mas ele está conosco. Eu o vejo na rua: preocupado com as dívidas, anda fazendo contas. Está pondo suas esperanças em dois artigos cujo pagamento vai ajudá-lo a sair do apuro em que se encontra. Ou talvez ele planeje alguma arlequinada a ser encenada no endereço desse amigo que visita. Ou ainda, *trabalha* mentalmente um poema, rearranja termos cuja combinação não está boa. — Talvez, frequentando-o, jamais eu tenha conhecido dele senão suas fantasias e disposições de humor. Mas ele tinha uma alma. Ele andava com ela. Ela estava presente quando lhe acontecia alguma infelicidade ou num momento de volúpia. Ela estava pronta a sentir tudo; não com diletantismo, mas como uma pobre alma verdadeira feita para o sofrimento e a necessidade. A alma, essa coisa em nós desconhecida, que nos espia em todas as nossas aventuras! De volta à casa, ele permitia-lhe se expandir. Ela falava com sabedoria, recontava suas dificuldades sem se descontrolar, sem barulho. Ela fazia seu exame de consciência. E eis que não é mais ela somente que se acusa, mas também a minha e a de vocês, que tínhamos no entanto cuidadosamente contido, que não sabíamos capazes de tantas paixões.

---

[1] Publicado originalmente em *Études* (Paris: Editions de la Nouvelle Revue Française, 1911). Aqui traduzido por Alessandro Zir e revisado por Luciana Abreu Jardim. N do T.

[2] Passagem de texto publicado postumamente como um projeto de prefácio para a segunda edição de *Fleurs du Mal*. N do T.

I

Poesia governada, "tens o efeito de um belo navio que parte".[3]

E parece sempre sob o leme descrever uma curva segura. Ela é dócil e plena. Ela navega obediente, com a fantasia contida. Aí não encontramos nunca versos que se apressam em linha reta, interminável, que se acrescentam uns aos outros, que se multiplicam espontaneamente. Cada peça é, ao contrário, o meandro de uma corrente, a fidelidade da água entre as margens cambiantes.

Essa poesia conduzida dá origem, no seu cômputo, a todas as palavras. As mais raras são aí tomadas com as mais familiares, as mais humildes com as mais atrevidas. Mergulhadas, entretanto, no movimento seguro e delicado do conjunto, nenhuma surpreende. Estranha cadeia de palavras! Às vezes fadiga da voz, às vezes modéstia súbita que se apossa do coração, às vezes partida que se desdobra, palavra plena de fraqueza:

> E quem sabe se as flores novas com que sonho
> Encontrarão nesse chão, banhado como uma praia
> O alimento místico que lhes dará vigor.[4]

Ou ainda:

> Cibele, que os ama, faz crescer a sua vegetação.[5]

Sutil restrição que vem diminuir a densidade do verso. Escolha do pequeno. Compromisso com o silêncio.

Ou ao contrário, as palavras mais fortes se debatem, transportadas, engasgadas. Rolam sem gritar. Foram arrancadas das margens e se perdem na força muda e contida do curso poético:

> Cabelos azuis, pavilhão de trevas hirtas,
> Concedem-me o azul do céu imenso e redondo;
> Sobre as bordas felpudas de tuas mechas retorcidas
> Embriago-me abrasado em teus cheiros confundidos,
> De óleo de coco, de almíscar, alcatrão.

Sobre seus poemas, o poeta não cessa de exercer seu império. Ele os conduz, lentos e vigiados. Inflete a intenção deles conforme a sua vontade. Os dirige pela influência do seu gosto. Gosta de chamar a seu serviço termos imprevistos — se poderia dizer bizarros até. Mas é para reduzir em seguida sua estranheza, para verter sobre eles uma harmonia, para moderar o desvio que por capricho ele abre.[6] Como aqueles que se sentem perfeitamente mestres do que querem

---

[3] *Fleurs du Mal*: *Le Beau Navire*.

[4] *Fleurs du Mal: L'Ennemi*.

[5] *Fleurs du Mal: Bohémiens en voyage*.

[6] [Paul] Claudel dizia do estilo de Baudelaire: "É uma extraordinária mistura do estilo de Racine e do estilo jornalístico do seu tempo." (Rivière não indica a fonte desse comentário, que depois, a partir dele, é citado por diversos autores. N do T.)

dizer, ele busca primeiro os termos mais afastados, depois os traz de volta, os acalma, infunde neles uma propriedade que neles não conhecíamos.

Ele é *poeta*, quer dizer, fabrica versos numa obra audaciosa, útil e bem calculada.

* * *

Uma tal poesia não pode ser de inspiração. Ela tem elãs sem dúvida, mas que não são senão a liberação da faculdade poética em ação. O próprio Baudelaire se descreve como cometendo erros e

Ferindo por vezes versos há muito sonhados.[7]

O irromper das frases que parecem as mais espontâneas surge sempre como uma solução súbita, como um clarão preparado. E assim como o pensamento que desponta, por fim desatado, se arranca sem pressa da obscuridade que ele foi, da mesma forma o jorro poético retém de sua longa virtualidade uma lentidão:

Amo, dos seus olhos compridos, a luz esverdeada...[8]

Ele é solitário como uma grande flor. Em Baudelaire, as imagens nunca pululam como ocorre com os inspirados. O poeta tem horror das situações poéticas, das ideias cuja simples enunciação faz saltar como faíscas as metáforas ao redor. Ele não gosta de se sentir circundado e encerrado pelo esplendor da sua fantasia. Ele não se apresenta nada ao começar, mas as imagens nascem ao redor da sua palavra. Elas se levantam acordadas por ela, permanecem unidas a ela, como um cortejo disciplinado. Crescem junto de um simples vocativo, o sustentam, o iluminam de uma luz densa e sombria:

Eu adoro-te como uma arcada noturna,
Oh urna de tristeza, oh grande taciturna...[9]

Elas são a própria forma da elocução, elas seguem o movimento da frase, em cuja curva são apanhadas:

Quando rumo a ti meus desejos partem em caravana,
Teus olhos são a cisterna em que bebem os meus tédios.[10]

Elas transitam para o diálogo, estão na questão e na resposta:

De onde vem, diz tu, esse tão estranho clima

---

[7] *Fleurs du Mal: Le Soleil*.
[8] *Fleurs du Mal: Chant d'automne*. (A mesma linha do poema é citada por Proust no artigo dele traduzido para essa coleção. N do T.)
[9] *Fleurs du Mal: Je t'adore à l'égal de la voûte nocture.*
[10] *Fleurs du Mal: Sed non satiata*.

Subindo como o mar o escarpado rochedo?[11]

E em *La Chevelure*:

Não és tu o oásis em que sonho, e a cabaça
Onde eu inspiro em largos traços o vinho da lembrança?

Cada poema de Baudelaire é um movimento. O poema não patina, não é uma descrição imóvel, exaltando através de retomadas e exageros um tema escolhido. É uma certa frase, questão, lembrete, invocação ou dedicatória que tem um sentido. É uma proposição bastante curta, mas apoiada em imagens que se mantém contra ela, inclinadas na mesma intenção:

À muito cara, à muito bela
Que a mim enche de claridade,
Ao anjo, ao meu imortal ídolo,
Um brinde na imortalidade!
...
Sachê tão fresco e que perfuma
A aura de um caro reduto,
Turíbulo fóssil que fuma
Discreto através da noite.[12]

* * *

Essas imagens, muito longe de nos desviar da palavra que elas acompanham, ao contrário, nos conduzem de volta a ela inúmeras vezes. Ao invés de a desdobrar e ilustrar, elas a aprofundam, elas a preenchem, elas fazem-na ecoar do interior. Elas não têm nenhuma destinação *poética*, elas não buscam afagar a nossa imaginação; são longínquas e estudadas como essa reviravolta da voz quando ela insiste.[13] Palavra que talvez tivesse passado sem que eu a reconhecesse. Mas as imagens que a acompanham são para mim um alerta; elas a tornam íntima, pessoal; elas a endereçam a mim; elas me obrigam a sofrê-la em toda a sua intenção. Sua sensualidade não é nunca florescida. Elas a guardam condensada como um licor feito para seduzir a lembrança. E dessa forma vem tentar nossa memória, fazer bater o nosso coração com a insistência das ondas. Forçam docemente nossos segredos desconhecidos, revelam nosso passado inconfesso, evocam por seu fascínio a vida inteira que não vivemos, exigem a ressurreição do que jamais foi.[14] Como uma palavra sussurrada ao ouvido quando não se espera, o poeta aparece de súbito ao nosso

[11] *Fleurs du Mal: Semper eadem*. (Ver entre os poemas traduzidos para este volume. N do T.)
[12] *Fleurs du Mal: Hymne*. (Ver entre os poemas traduzidos para este volume. N do T.)
[13] "O sobrenatural compreende a cor geral e a acentuação, quer dizer, a intensidade, a sonoridade, a limpidez, a capacidade de vibrar, a profundidade e o ecoar que se espalha pelo espaço e pelo tempo" (*Oeuvres Posthumes*, Mercure de France, p. 86). (O trecho citado pertence aos *Journaux Intimes* de Baudelaire. N do T.)
[14] "Da língua e da escrita, tomadas como operações mágicas, feitiçaria evocatória" (*Oeuvres Posthumes*: Mercure de France, p. 86). "O mistério, o arrependimento são também aspectos do Belo" (*Ibid*. p. 85). "Badalos de lembranças amorosas, tenebrosas, dos velhos anos" (*Ibid.* p. 84). "Evocação da inspiração. Arte Mágica" (*Ibid*. p. 135). (Todos os trechos citados pertencem aos *Journaux Intimes* de Baudelaire. N do T.)

lado: Lembra-te? Lembra-te do que eu digo? Ou vimos isso juntos, nós que não nos conhecemos? Tu te aproximaste delas, portanto, dessas praias. Até elas tua viagem te fez também errar. E essa voz

> ... cantava como o vento no areal,
> Fantasma cujos vagidos não se sabe de onde vem,
> Que acaricia o ouvido e no entanto o assusta.[15]

Ela canta, essa voz, e renascem todos os adoráveis sorrisos do arrependimento:

> Mas o verde paraíso dos amores infantis,
> Os passeios, as canções, os beijos, os buquês,
> Os violinos vibrando atrás da colina,
> Com os jarros de vinho, à noite, nos bosques,
> — Mas o verde paraíso dos amores infantis,
>
> O paraíso inocente, pleno em prazeres furtivos,
> Está ele já mais longe que a Índia ou que a China?
> Pode-se chamá-lo de volta, com gritos melancólicos,
> E ainda animá-lo com uma voz argentina,
> O inocente paraíso pleno em prazeres furtivos?

II

Essa poesia não busca senão a confissão. Baudelaire, à medida que a compõe, sonha apenas em confiar seus pensamentos mais pesados, em transmiti-los e passar aos outros como que uma carga secreta e insuportável. Esse constrangimento sutil, essa moderação do capricho poético pela qual ele mantém a frase sempre à disposição de sua alma, enfim, essas longas imagens que atormentam a lembrança como repreensões: tudo é calculado para exprimir os sentimentos de um coração que não pode sofrer em solidão.

Mas não se trata de derramamentos. Não é uma sinceridade tagarela. Ela é múltipla, severa e sorridente. Cada poema é o doce corpo preciso de um sentimento único. Os versos colocam-se sobre ele como uma vestimenta que o fará viver. Eles o animam a essa existência única que ele poderia ter. E desde o momento em que palpita, o abandonam.[16]

Assim, o poeta desperta todo o mundo extraordinário de suas paixões: todas elas estão lá. Têm faces diversas, e é possível que algumas não se afinem. Mas olham em conjunto para mim. Eu reconheço todas. — Sobre todas passa a moderação da ironia, como uma luz. Baudelaire conhecia essa clarividência do coração que não admite completamente tudo que ele experimenta, que não sabe sentir sem uma sombra de dúvida. Tão vigilante é sua sinceridade que ela traduz até a inteligência que a estorva. Trata-se de um suspense, uma hesitação da alma,

---

[15] *Fleurs du mal: La Voix*.

[16] Ver os poemas *Semper eadem* e *Recueillement*. (Os dois estão entre os poemas traduzidos para este volume. N do T.)

um olhar de modéstia. O poeta como que lamenta sua credulidade, com doçura ele revoga seu sentimento. Ele sorri.

No entanto, o que o move não é uma seca curiosidade de si, nem um desejo de análise imparcial. Se ele se descreve é para encontrar cúmplices. Ele se entrega a nós a fim de que nós nos entreguemos a ele. Ele não nos permite deixar de se assemelhar a ele. Suas paixões são verdadeiras, elas se aferram tão fortemente a seu coração que elas ganham o nosso e nos obrigam a reconhecê-las em nós.

Quantos desejos, quantos remorsos escondem-se em mim. Por que é que os confessei a mim, se não sabia como poder acalmá-los? E de repente, ferindo toda minha discrição, fazendo desaparecer minha hipocrisia, eis que irrompe um verso tão nu, tão puro, tão deslocado, que ele me toca como uma ofensa.[17] É a verdade que jorra da alma, uma espécie de libertação assustadora. Uma confissão tão severa que acusa e fere — é preciso que eu a entretenha com desespero em meus momentos secretos:

Eis que alcancei o outono das ideias...[18]
Tantas lembranças tenho e como de mil anos...[19]
Logo mergulharemos em frias trevas: Adeus, claridade viva de nossos verões tão curtos![20]

E esse verso carregado de todo o remorso do mundo:

A adorável primavera perdeu seu odor![21]

Versos tão perfeitos, tão calculados que de início hesitamos em lhes conferir todo o seu sentido. Uma esperança zela alguns instantes, uma dúvida sobre sua profundidade. Mas basta esperar. Em minha lembrança, um pouco depois, encontro-os vibrantes como flechas.

E entre essa sinceridade, da qual seria importante o quanto antes eu me desembaraçar, circula a ironia que murmura: conheço todas as respostas, sei muito bem das justificativas todas. Com relação a nada eu sou ingênuo. Entretanto, é preciso sofrer essa amargura. Não há coisa alguma que possa livrar o coração de tamanha verdade.

* * *

É assim que recebo, sem deles poder me defender, todos os sentimentos que a essa grande alma agrada verter sobre mim. Quais são eles? São vivos e permanecem inicialmente confusos. Só os reconheço muito tempo depois de os ter sofrido. Só então percebo que são tão diversos a ponto de se contradizerem.

Em primeiro lugar, um pesar imenso, uma lembrança informe e violenta, o mal do exílio.

---

[17] "O próprio da *confissão*", diz Péguy, "é mostrar de preferência as peças invisíveis, e dizer sobretudo o que se deve calar" (*Victor-Marie, Comte Hugo*, p. 14). (Como em outras notas bibliográficas desse texto, a referência fornecida por Rivière indica o título das obras e páginas, mas não o ano de publicação da edição por ele consultada. N do T.)

[18] *Fleurs du Mal: L'Ennemi.*

[19] *Fleurs du Mal: Spleen.* (Ver entre os poemas traduzidos na íntegra para este volume. N do T.)

[20] *Fleurs du Mal: Chant d'Automne.*

[21] *Fleurs du Mal: Le Goût du Néant.*

... Alma de sonhos obscuros,
Que o real asfixia entre os seus quatro muros.[22]

Há céus que reanimam subitamente no fundo do coração a imagem de velhas pátrias perdidas:

Tu lembras esses dias brancos, mornos e velados,
Que fazem fundir em lágrimas corações enfeitiçados.[23]

O "spleen" ou "tédio", essa paixão surda e desesperada que as temperaturas afastam ou trazem de volta, não é uma simples melancolia poética, uma tristeza comum. A alma de súbito se revolta, ela não pode mais viver nesses subúrbios terrestres com o peso de sua imperfeição:

Ah! Senhor, dê-me força e coragem
De contemplar meu coração e meu corpo sem desgosto![24]

Impossibilidade de estar lá. Uma memória atormenta a alma decaída.[25] Ela se aflige ao pensar sobre a dignidade de que se vê rebaixada:

Uma Ideia, uma Forma, um Ser
Precipitado do azul, caído
Em um Estige lamacento e plúmbeo,
Em que nenhum olho do céu penetra;

Um Anjo, imprudente viajante
Que experimentou o amor do disforme,
Ao fundo de um pesadelo enorme
Debatendo-se como um nadador.[26]

Pouco a pouco o poeta sente aumentar sua dor. Ela deixa de ser pessoal. Todo o lamento do mundo passa por seu coração. Ele é trabalhado pelo remorso do paraíso perdido. É presa da reminiscência. Ele revê confusamente essa forma perfeita que o universo esfolou para sempre e que ele se esforça, no entanto, para recuperar. Com o passar do tempo, a lembrança que o visita em seu abismo se faz mais precisa. Como, ao náufrago, a consolação das longas miragens, o

---

[22] *Fleurs du Mal: Sur Le Tasse en prison.* Cf. *L'Irréparable*: "Podemos nós asfixiar o velho, o longo Remorso,/ Que vive, se agita e se contorce,/ E se alimenta de nós como o verme dos mortos,/ Como do carvalho, a lagarta?/ Podemos nós asfixiar o implacável Remorso?".
[23] *Fleurs du Mal*: *Ciel brouillé*.
[24] *Fleurs du Mal: Un Voyage à Cythère.*
[25] "Ele cantou", dizia Claudel, "a única paixão que o século XIX pode experimentar com sinceridade: o remorso". (A fonte do comentário não é citada por Rivière, mas ele aparece em *Le Cinquentenaire de Charles Baudelaire*, publicado em Paris em 1917 pela Maison du Livre, p. 43).
[26] *Fleurs du Mal: L'Irremédiable*.

paraíso terrestre se estende ao fundo da sua memória.[27] Ele é elegante e nu como as árvores delgadas das ilhas. Ele é parecido com o mar morno e calmo dos climas amenos, em que os navios circulam, voluptuosamente apoiados no flanco das ondas:

Irei lá longe onde a árvore e o homem plenos de seiva
Desfalecem longamente sob o ardor do clima;
Fortes tranças, sejam a onda que me leva!
Conténs, mar de ébano, um sonho extasiante
De velas, remadores, flâmulas, mastros.[28]

Às vezes, seduzido por uma esperança mais fraca, é com uma voz baixa, com uma espécie de pesar sem revolta, que o poeta invoca sua felicidade:

Diz-me, teu coração, às vezes, levanta voo, Agatha,
Longe do negro oceano da cidade imunda,
Rumo a um outro oceano em que o esplendor explode,
Azul, claro, profundo, como a virgindade?
Diz-me, teu coração, às vezes, levanta voo, Agatha?
...
Como estás longe, paraíso perfumado,
Em que sob o azul claro tudo é amor e alegria,
Em que tudo que se ama é digno de ser amado!
Em que na volúpia pura o coração se afoga!
Como estás longe, paraíso perfumado![29]

No entanto, se conquista nosso amor:

Tudo aí vai falar
À alma em segredo
Sua doce língua natal.
Lá, é tudo ordem e beleza,
Luxo, calma e volúpia.[30]

É assim que o poeta é atormentado pelo desejo imenso de perfeição. Ele se lembra das origens. Num momento, levado por alguma feliz disposição até os confins do paraíso, ele o

[27] "Por trás dos cenários/ Da existência imensa, no mais negro dos abismos/ Vejo distintamente mundos singulares" (*Fleurs du Mal: La Voix*). Cf. "Mas as próprias trevas são estrelas/ Em que vivem, jorrando aos milhares do meu olho,/ Seres desaparecidos, de faces familiares!" (*Obsession*). E também, "Passeando pelo céu, olhos pesados/ Do morno arrependimento de quimeras ausentes" (*Bohémiens en voyage*). Em *Oeuvres Posthumes*, lemos: "Há momentos da existência em que o tempo e a extensão se fazem mais profundos, e o sentimento da existência é imensamente aumentado" (*Journaux Intimes*. N do T.).

[28] *Fleurs du Mal: La Chevelure*. Cf. *Parfum exotique:* "Uma ilha preguiçosa em que a natureza doa" etc.

[29] *Fleurs du Mal: Maesta et Errabunda*.

[30] *Fleurs du Mal: L'Invitation au voyage*.

contempla de perto, o anima com os olhos, obriga todas as suas maravilhas a florir. Depois, ele o perde de vista e o invoca lamentoso na obscuridade do universo. Mas ele nunca o esquece, nunca tira o pensamento do que é completo, satisfatório, eterno.[31]

* * *

Entretanto, que afeição tem ele pela realidade falha, incerta, perecível! Tão forte quanto o amor pelo perfeito, é o amor por aquilo a que ele faz falta.[32] Junto à contemplação do imutável, vemos o pensamento do mortal, um respeito infinito por todas as coisas imperfeitas, uma admiração sem palavras, um silêncio diante delas, sofredoras, mutiladas, extenuadas. Não se trata simplesmente de piedade, nem de apelar para elas a misericórdia divina, mas de uma consideração cheia de amor, a devoção de um coração que a fraqueza enche de êxtase.

O poeta fala com uma ternura penetrada pela existência mais singela dos próprios objetos. Parece que ele não ousa tocá-los. Ele os expõe com todo o cuidado. Ele os envolve em seus versos, fascinado. Ele sente o quanto é prodigioso que sejam como são e não de outra forma. Ele se compraz a descrever apartamentos, a nomear a cor das cortinas, o odor que exalam os móveis. Com reverência, ele evoca a desordem que o passado compõe lentamente no fundo dos armários:

> Um móvel atulhado e de notas mundanas,
> Cartas belas de amor, romances, textos, versos,
> Com mechas de cabelo enroscadas aos maços...[33]

Ele vai falar das coisas mais horríveis e a violência do seu respeito lhes vai conferir uma decência sutil. Com uma imagem cálida e fúnebre, mas delicada como a homenagem de um amor que a morte não desencoraja, docemente ele mostra num quarto desconhecido a cabeça cortada de *Une Martyre*:

> Semelhante às visões pálidas engendradas pela sombra
> E que nos acorrentam os olhos,
> A cabeça, com o amontoado de sua crina umbrosa,
> E suas joias preciosas,
> Sobre a mesinha de cabeceira, como um ranúnculo,
> Repousa...

---

[31] Se dirigindo à sua *Muse malade*, ele diz: "Da força exalando o traço quis eu ver,/ De pensamentos sãos, teu seio reviver./ E teu sangue cristão em ritmo jorrar,/ Pro volumoso som das sílabas plasmar,/ Ali onde são reis, velhos pais das canções:/ Febo e o grande Pã, senhor das monções." (O poema *A Musa Doente* está entre os traduzidos na íntegra para este volume. N do T.)

[32] Sonho, diz ele: "Com alguém que perdeu o que não se encontra/ Jamais! Jamais! Com aqueles que se encharcam de choro..." (*Fleurs du Mal: Le Cygne*). Cf. "Pobre grande beleza! O magnífico rio/ Dos teus choros conduz ao meu coração zeloso" (*Fleurs du Mal: Le Masque*).

[33] *Fleurs du Mal: Spleen.* Cf. *Je n'ai pas oublié*...

A tudo que existe, a tudo que, privado de perfeição, no entanto vive, o poeta estende a sua admiração muda e triste. Ele esposa toda miséria, está pronto a receber todo afeto. Na infinidade dos sofrimentos, não há nenhum que o encontre distraído. Mas ele está lá para gostar deles. Há respeito demais para que ele se indigne. Ele guarda essa imparcialidade terrível dada por um amor descomunal à vida:

Longe do mundo debochado, longe da multidão impura,
Longe dos magistrados curiosos,
Dorme em paz, dorme em paz, estranha criatura,
Em tua tumba misteriosa;
Teu esposo vaga pelo mundo, tua forma imortal
Vela ao lado dele quando ele dorme;
Tanto quanto tu sem dúvida ele será fiel,
E constante até à morte.[34]

Cada verso do *Crrépuscule du Matin*, sem grito, com devoção, desperta um infortúnio:

As casas aqui e ali começavam a fumar.
As prostitutas, pálpebras lívidas,
Boca aberta, dormiam seu sono estúpido;
As pés-de-chinelo arrastavam seus seios magros e frios,
Sopravam sobre os tições, sopravam sobre os dedos,
Era a hora em que entre o frio e a mesquinharia
Agravavam-se as dores das mulheres prostradas.
Como um pranto cortado por sangue espumoso
O canto do galo ao longe dilacerava o ar brumoso;
Um mar de brumas banhava os edifícios,
E os angustiados no fundo dos hospícios,
Soltavam o último suspiro em soluços desiguais.
Os depravados retornavam, quebrados pelo trabalho.[35]

Poesia plena de generosidade. Ela se divide entre as várias infelicidades, ela acompanha a todos em suas mansardas. Ela as advinha, perto ou longe, através dos muros. Ela acompanha toda a cidade que sofre e cumpre sua tarefa. Ela

... arruma a cama das pessoas pobres e nuas.[36]

Mas a piedade que a sustém é tão violenta que ela se cala.[37]

---

[34] *Fleurs du Mal: Une Martyre*.
[35] *Fleurs du Mal: Crépuscule du Matin*.
[36] *Fleurs du Mal: La Mort des pauvres.*
[37] Sem dúvida é impossível ignorar um grande número de poemas revoltados. A revolta é o tema mesmo de alguns. — Baudelaire se engaja tão intensamente do lado do que é imperfeito que ele acaba por se voltar contra a perfeição. Ele repudia a imagem do que é puro, imóvel, inflexível. Vemo-lo preferir essa ânsia esmagada que nos devora diante

* * *

Nesses versos calculados, em que parece comandar uma alma tranquila e factícia, somos nós capazes de discernir de que sentimentos extremos nos faria por fim cúmplices a audiência a quem os entregamos? Mas é tarde demais para escapar. Enormes paixões já se insinuaram em nós, tão grandes, tão vastas, tão completas que chegam a contradizer-se. É toda nossa alma, com a violência insuspeita de seus amores diversos, que Baudelaire tornou a nós mesmos sensível. É possível que o dom seja pesado e que nos falte coragem para suportá-lo. Essa poesia não tranquiliza, ela não verte ilusões. Mas ela se dirige àqueles para quem nada é mais belo que conhecer o próprio âmago, sentir o coração pesar dentro de si. Frequentemente devo ouvir a voz desse anjo sábio e desesperado.

1910

---

da dureza impassível do ideal: "Pois eu teria beijado teu nobre corpo com fervor,/ E depois, dos teus pés frescos às tuas tranças negras,/ Desenrolado o tesouro de carícias profundas,/ Se, em alguma noite, de um choro facilmente obtido/ Pudesses somente, oh rainha das cruéis!/ Obscurecer o esplendor das tuas pupilas frias" (*Fleurs du Mal: Une nuite que j'étais près d'une affreuse Juive*). Inclusive ele se compraz nessa preferência pelo que é fraco. Ela se torna uma espécie de culto do mal, uma atitude cultivada, o satanismo. Não nos deu ele, entretanto, obras-primas suficientes para que pudéssemos esquecer alguns versos de mau gosto sobre o charme do crime e as virtudes de Belzebu? Erros cuja responsabilidade, em grande parte dos casos, cabe de resto aos contemporâneos do poeta.